



URANISMO EM *CILURNUM*? APANHADOS E CONJECTURAS DE HOMOSSEXUALIDADES MASCULINAS NA INGLATERRA VITORIANA

*URANISM AT CILURNUM? TIDBITS AND
CONJECTURES ABOUT MALE
HOMOSEXUALITIES IN VICTORIAN ENGLAND*

Renato Pinto¹

Universidade Federal de Pernambuco

Resumo: Na Era Vitoriana, a virilidade parece ter encontrado lugar triunfal nos discursos nacionalistas e imperiais do governo e da Academia britânicos. Paradoxalmente, a homossexualidade e os perigos iminentes da efeminação tornaram-se dominantes no campo da pesquisa médica. Em meio a isto, um seleto grupo de poetas de Oxford dedicava-se, clandestinamente, a promover o resurgimento do "amor grego", pederástico, como uma existência idealizada: os uranistas. Este artigo analisa um poema e uma gravura, que o acompanha, de um adolescente bretão, publicados em 1876 na revista londrina *Belgravia*. Seminu, tendo ao fundo o forte romano de *Cilurnum*, o rapaz parece se encaixar na demanda estética do Movimento Uranista, ao mesmo

Abstract: Abstract: In the Victorian Era, virility seemed to have found its triumph within the imperial and nationalistic discourses of the British government and Academia. Paradoxically, homosexuality and the imminent dangers of effeminacy came to be dominant in the field of medical research. Amid this, a select group of Oxford male poets was devoting their best efforts to clandestinely promote the resurging of pederastic "Greek love" as a idealised existence: the Uranians. This paper analyses a poem and its accompanying engraving of a Briton teenage boy published in the 1876 London magazine *Belgravia*. Scarcely clothed, against the background of the Roman fortress of *Cilurnum*, the boy seems to fit the aesthetic demand of the Uranian

¹ Professor Adjunto do Departamento de História da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Brasil.

tempo em que representa aspectos dos discursos étnicos do Império Britânico. Movement at the same time that it represents aspects the ethnic discourses of the British Empire.

Palavras-chave: Homossexualidade; Masculinidade; Uranismo **Keywords:** Homosexuality; masculinity; Uranism

A primeira vez que me deparei com o Jovem de *Cilurnum* foi num escritório de Arqueologia, em Durham, R.U. Foi Richard Hingley que me mostrou a imagem, salientando, com certo humor, que se sentia desconfortável em compartilhá-la comigo, via correio eletrônico, dada a natureza potencialmente erótica da representação daquele jovem rapaz, quase que desnudo. Àquela época, eu desenvolvia meu doutoramento, e minhas pesquisas abrangiam os estudos do masculino e do feminino nas ressignificações do Império Romano levadas a cabo pela intelectualidade britânica moderna. A figura estava acompanhada de um poema, de autoria desconhecida. Surgiu, então, o interesse em explorar aquela representação, à luz das discussões que estabeleci a respeito das teorias de gênero e sexualidade com as quais trabalhei. Aqui, apresento uma renovada reflexão sobre o Jovem de Cilurnum.

As masculinidades

Os estudos a respeito das masculinidades, enquanto estudos de *gênero*, devem pagar tributo àqueles dos feminismos e das relações de gênero como um todo, que afloraram com vigor a partir da década de 1970. Já se falava dos homens nas Ciências Sociais, e sem o viés marcadamente essencialista, à primeira metade do séc. XX (ver OLIVEIRA, 2004, p. 143-4). Mas voltemos um pouco no tempo. Desde a Antiguidade, as histórias dos feitos dos homens sobejam, estão escancaradas e tendem a sufocar tudo o que lhes parece desviante. Por longos períodos da História, são deles e para eles a maior parte dos registros documentais. O feminino, o efeminado, em suas diversas formas, é, ainda hoje, em grande medida, escamoteado e marginalizado. E quando o feminino surge na historiografia, surge como gênero, *o gênero*. Já o masculino, esse não tinha ou não tem gênero, dado que é o indiscutível, o não questionável. Não há estranhamento no campo do masculino, a alteridade serve

ao outro, feminino, ou ao desvio do comportamento ou do pensamento esperados. O masculino convive com o truísmo contido no *nem precisa dizer*. Todavia, se não tem gênero, deveria. Importante reencontrar o masculino sob novos olhares atentos à sua construção cultural. Melhor: encontrar os masculinos, plurais, as masculinidades. Contrastar o ideal cultural e social aos processos identitários. Não se trata mais de estudar os grandes personagens masculinos da História a fim de enaltecer os supostos dotes de sua pretendida supremacia. Antes, é procurada a desconstrução dos discursos que sustentam sua idealização. Em inúmeras ocasiões, a ansiedade em ser ou parecer “homem” afetou sobremaneira a intelectualidade e as condições político-sociais ao longo da história.

Denotam-se, desde a Antiguidade, tentativas de hegemonizar a categoria do masculino, *pari passu* à percepção de que nem sempre o indivíduo tido, num primeiro momento, como homem, estaria capacitado a exercer ou manter seu *status* de masculinidade ao longo da vida. Dá-se uma tensão entre os papéis sociais e as identidades masculinas. O dever de “parecer”, contra o desejo de “ser”, desvela a precariedade da masculinidade. Há o potencial do deslize ao campo marginal, estranho, à efeminação. Quando, nas sociedades de matriz falocêntrica, um homem denuncia o desvio da masculinidade de outrem, ele o faz ao se arvorar na premissa de uma masculinidade lídima. Se um se desgarrou, é preciso estar à altura de todos os atributos esperados do masculino para que não reste dúvida do compromisso com a causa. Mas compromisso demanda algum esforço cognitivo das exigências sociais, dos sucessos e dos fracassos. Um olhar mais cuidadoso verá, ao final, que o ideal não é alcançável: é maior do que caberia na vida dos homens. Surge a dúvida da completude do masculino, só resta chegar o mais próximo possível da meta, então. Denunciar o desvio dos outros deve servir para reforçar a segurança de que não se está, também, caindo nele. Há de se aumentar a vigilância, portanto. Esse processo não para nunca. Ao renegar o seu caráter tradicional de ser integral e estável, que se opõe ao incompleto e oscilante do feminino, o masculino pode e deve ser estudado hoje como gênero, fruto de complexas construções discursivas.

Nas últimas décadas, os estudos de gênero e das práticas sexuais que se debruçaram sobre a masculinidade, enquanto fenômeno cambiante, apontam à necessidade de historiar o conceito, de dar-lhe uma abordagem epistemológica. A partir dos contextos acadêmicos multifacetados dos trabalhos teóricos de Foucault, Butler, Mosse, Connel, Halperin, Sedgwick, entre outros, surgem oportunidades de explorar no campo da História as figuras masculinas com olhares mais atentos às instabilidades e tensões ligadas aos conceitos de masculinidade. O masculino esteve e está associado às noções de honestidade, de respeito, de verdade, noções essas que marcaram profundamente os movimentos políticos e socioculturais das civilizações antigas, da fundação das nações modernas, dos novos impérios. A masculinidade invadiu múltiplos campos históricos, desenhou cosmologias, vivências quotidianas, percolou o público e o privado, as classes, e criou privilégios, mas, também, expectativas que supunham ser, por vezes, melhor perder a vida do que a aparência do masculino. Estes fenômenos merecem renovadas análises que levem em conta o papel exercido pelas concepções do que era ser masculino, e que inúmeras vezes excluíram da historiografia mulheres e aqueles que não se encaixavam nos protocolos da masculinidade.

Derivado do latim *masculus*, o termo *masculinidade* teria sido usado primeiro no séc. XVIII, numa tentativa de estabelecer diferenças entre os sexos (OLIVEIRA, 2004, p. 13). Definir o que é *masculinidade* não é uma tarefa simples e talvez seja uma quimera imaginar que qualquer definição aqui colocada daria conta de um complexo fenômeno ideológico. Além disso, como também pondera Oliveira (2004, p. 13), a cada termo conceitual usado na própria definição escolhida, uma nova saraivada de definições adjacentes teria de se seguir. Faço uma escolha: mesmo correndo o risco de pecar pela falta de análise vertical do termo, apresentarei algumas breves considerações feitas por outros autores, que possibilitarão ao leitor, espero, aproximar-se daquilo que poderíamos chamar de definições de *masculinidade*.

Para Craig Williams:

A *masculinidade* refere-se a um complexo de valores e ideais mais satisfatoriamente analisado como uma tradição cultural do que como um dado biológico: o que é ser inteiramente transformado em gênero (*gendered*) como um "homem real", em vez de simplesmente ser atribuído

ao sexo masculino (WILLIAMS, 2010, p. 04, ênfase de Williams. Tradução do autor).

Sobre a precariedade do masculino:

A masculinidade não é dada de saída. Deve ser construída, digamos 'fabricada'. O homem é, portanto, uma espécie de artefato, e como tal, corre sempre o risco de apresentar defeito [...] Não existe um modelo masculino universal, válido para todos os tempos e lugares. A seu ver, a masculinidade não é uma essência, mas uma ideologia que tende a justificar a dominação masculina [...] A masculinidade difere segundo a época, mas também segundo a classe social, a raça e a idade do homem (BADINTER, 1993, p. 04, 27-8, *et passim*).

A masculinidade é historicamente construída, mutável e contingente – que pode ou não ocorrer, incerta, duvidosa (MANWELL, 2007, p. 112)

(...) os atributos que definem o masculino e o feminino não são nem foram sempre idênticos, e os estudos de gênero e de sexualidade tem tecido fortes críticas às concepções essencialistas formuladas nas sociedades ocidentais e permitido analisar o caráter mutável, social, cultural e histórico de ambos (FEITOSA, 2014, p. 138).

E, quanto à sua existência vis-à-vis o feminino, "masculinidade [é] como um conceito relacional: só é definida com relação à feminilidade. Não existe virilidade em si" (BADINTER, 1993, p. 10). Por fim, ainda que não tenha desejado se fechar, de imediato, a uma definição estanque, ahistórica, o sociólogo Pedro Paulo Oliveira, assim apresenta a masculinidade, em mais complexa elaboração:

[...] um lugar simbólico/ imaginário de sentido estruturante nos processos de subjetivação. E complementar: na qualidade de estrato constitutivo e articulado do *socius*, apresenta-se como uma significação social, um ideal culturalmente elaborado ou sistema relacional que aponta para uma ordem de comportamentos socialmente sancionados (OLIVEIRA, 2004, p. 13).

Seja qual for a definição escolhida acima, fica claro que estão sempre envolvidas a construção histórica do termo, a sua constante metamorfose, e sua relatividade e adaptação a outros conceitos. Masculinidade é um *locus* discursivo que, ao longo da História, ao mesmo tempo, reflete, difunde e modifica as ações sociais e culturais, na forma das permanências ressignificadas ou nas novas elaborações que possam surgir.

Já a virilidade, de forma geral, é um composto de aparências e atitudes associadas ao que pode compreender como o mais "perfeito" do masculino (VIGARELLO, 2013, p. 11). Ainda:

A virilidade seria virtude, cumprimento. A *uirilitas* romana, da qual o termo é oriundo, permanece um modelo, com suas qualidades claramente enunciadas: sexuais, aquelas do marido 'ativo', poderosamente constituído, procriador, mas também ponderado, vigoroso e contido, corajoso e comedido. O *uir* não é simplesmente *homō*; o viril não é simplesmente o homem: ele é antes ideal de força e de virtude, segurança e maturidade, certeza e dominação (CORBIN; COURTINE; VIGARELLO, 2013a, p. 07).

A partir do séc. XVIII, adveio precisamente desse ideal do viril a maior demanda por ideias e atitudes que contribuíssem para o avanço da civilização. O homem ocidental cristão deveria lembrar suas origens, reconhecer sua superioridade e se expandir pelo mundo, governar, colonizar:

No final do século XVIII os cientistas naturalistas impõem explicitamente ao homem sentir-se membro da espécie que domina a criação. "Seja um homem, meu filho!", a injunção fundamental tem o significado implícito: seja o Adão do Gênesis a quem foi conferido o domínio sobre todas as coisas. No século XIX essa injunção de virilidade embasa a atividade do homem. Este deve permanentemente, manifestá-la por seus atos. Nessa perspectiva, a virilidade se identifica com a grandeza – noção essencial –, com a superioridade, a honra, a força – enquanto virtude –, com o autodomínio, no sentido do sacrifício, com o saber-morrer por seus valores. A virilidade se realiza na exploração e na conquista de territórios, na colonização, em tudo aquilo que demonstra domínio sobre a natureza, na expansão econômica. Tudo isso constitui a grandeza (CORBIN, 2013a, p. 09).

Como pleiteia o sociólogo Pedro Paulo de Oliveira, não se trata de "exagero dizer que a formação dos Estados modernos teve papel determinante para a conformação de comportamentos socialmente considerados como autenticamente masculinos" (2004, p. 26). O papel da profissionalização das forças armadas nacionais na formação do Estado moderno significou também o monopólio do uso da força. Os soldados deveriam mostrar sua devoção à pátria por meio de sua coragem, dos atos de bravura, de sua virilidade. A interconectividade da tríade nacionalismo, militarização e masculinidade se constituía de maneira mais clara. Na França, as concepções da masculinidade militar ultrapassavam as classes sociais. Na Inglaterra, até ao menos 1918, todo estudante das famílias mais tradicionais deveria prestar algum tipo de serviço militar, como parte de sua educação viril. O campo de batalha era o local de se exercer a masculinidade. Os atos heroicos levados a cabo nos exércitos nacionais levavam à purificação pessoal. Isso se fazia por meio do sacrifício,

algo esperado do ideal masculino (OLIVERIA, 2004, p. 26-31; CORBIN, 2013, p. 07-09).

Na introdução ao segundo volume da obra *História da Virilidade* (2013, p. 07-12), Alain Corbin sustenta que a coragem do heroísmo estava ligada às expectativas de que homem deveria se afastar de tudo o que pudesse indicar covardia, efeminação, da vida dos sodomitas, dos traidores, daqueles que não possuíam vigor nas suas vidas conjugais. Assim, prossegue Corbin, a masculinidade estava diretamente associada, também, à vida familiar e ao comportamento privado do súdito ou do cidadão. E ainda mais proliferaram os espaços de socialização exclusivamente masculinos: os colégios, os internatos, os seminários, os fumódromos e os clubes (as *Molly Houses*) nas grandes metrópoles europeias do séc. XIX. As práticas sociais como o duelo também se apresentam como símbolos da honra e da respeitabilidade masculinas. A proteção dos atributos viris se impõe às sociedades europeias do séc. XIX. As marcas da virilidade devem estar no corpo, com a presença de bigodes e barbas. Nas casernas e nas fábricas, e nos clubes e nas caçadas, o homem deixava, ou deveria deixar, impressos sua superioridade, ungida pelo apelo do que é viril. Superioridade em relação a quem ou ao que? Ora, ao universo do feminino, ao que remete a ele, e ao colonizado, que em última instância, também perdia sua virilidade no ato dominação imperial, ao ceder ao chicote, símbolo fálico colonial².

Cabe aqui um rápido retomar e reforçar: no contexto do séc. XIX, enquanto um conceito que conjura atributos como a morte heroica e a respeitabilidade, a força física e a honra, a *virilidade* se difere da *masculinidade* no sentido que esta última poderia ter de simples oposição binária ao feminino. Ser viril era muito mais do que ser o oposto de ser mulher, feminino. Pode-se ser masculino, biologicamente falando, mas ser viril era algo a mais. Diferença nada trivial aqui. O covarde pode ser masculino, em oposição ao feminino, mas não é viril. A virilidade exigia um esforço de construção muito mais rigorosa do que aquela do *ser* masculino, que passava ganhar menos significância naquele

² Para uma análise mais profunda a respeito da colonização europeia na África e virilidade, ver TARAUD 2013, em especial, as páginas 429, 431-2 e 435, que tratam da "desvirilização" dos "indígenas".

contexto. De outra forma, há mulheres no séc. XIX que podiam demonstrar virilidade. Isso, no entanto, não duraria muito tempo e logo ao começo do séc. XX as mulheres seriam repreendidas por aquilo que se percebeu ser um afrouxamento das regras do que era ser feminino. No séc. XIX, a virilidade era uma estética, era um *ethos*, uma forma de vida. A importância disso não pode se perder. Nessa medida, Alain Corbin conclui que a virilidade foi triunfante no séc. XIX, ou, diria eu, ao menos o foi a aspiração a ela.

Homossexualidade e a Nação

No séc. XVIII, o surgimento dos sentimentos nacionalistas significou uma aliança com as expectativas do mundo masculino. Nessa ligação estavam presentes as percepções da honra, da respeitabilidade (“decência e correção”) e da fraternidade entre os homens da nação. O conceito-chave da respeitabilidade legitimaria, ainda, a superioridade dos homens sobre as mulheres. A marginalização da mulher a um campo do controle masculino também está acompanhada das manifestações de ansiedade advindas do potencial descarrilamento da fraternidade entre os homens. Poderia se perder o rumo, aqui. Não seria permitido a essa fraternidade qualquer deslize ao campo das atividades sexuais desviantes entre seus integrantes (MOSSE, 1985, p. 30-1, 67). O crescimento das nações europeias pressupunha ordem e respeitabilidade, virtudes viris e qualquer coisa que corrompesse esse paradigma conduziria à degeneração da pátria. Pois a permanência da prática da sodomia e, mais tarde, o surgimento do homossexual, ofereceriam uma grande arritmia ao compasso da nação. A homossexualidade representava o retardo e a manutenção do primitivo (MOSSE, 1985, p. 25). Por isso o receio que só aumentava diante da necessidade de, por um lado, manter-se o espírito da fraternidade masculina e, por outro, evitar a contaminação dos desvios sexuais. Isso era premente porque os laços da fraternidade como enxergados à época também se tramavam com a proximidade física dos meninos e dos jovens, nas escolas e nos acampamentos militares. Ambientes que excluía, a todo custo, a presença feminina. A percepção de que o “perigo” rondava esses espaços gerou grande ansiedade. Para os alunos, dividir as camas nas principais universidades

inglesas era um fato constante. Esta ligação homosocial ainda possuía vigor cultural suficiente para se manter na Inglaterra ao longo do séc. XIX³. Tratava-se mesmo de um patrimônio da tradição estudantil. A aproximação enamorada dos acadêmicos clássicos com os textos Greco-romanos movia muitos a sugerirem que a prática da pederastia “à la grega” grassava, bem reanimada, pelos *campi* de Oxford, em especial, mas não somente, nos departamentos de estudos literários (MOSSE, 1985, p. 76 e 85). Continuavam a fluir as pistas de que nos dormitórios de Oxford e de Cambridge algo menos platônico se configurava sob as cobertas. Bernard Berenson (1865 – 1959), historiador e crítico de arte especializado em Renascença, costumava se referir a Oxford como a “Irmandade dos sodomitas”. Berenson admitia que, na juventude, sentira-se atraído pelos rapazes de Oxford, mas jamais cedera às tentações (e às investidas de um Oscar Wilde), que, em última análise, poderiam se mostrar ruinosas à sua carreira, se descobertas (SAMUELS, 1979, p. 60; SECREST, 1980, p. 126; SOX, 1991, p. 22 e 24).

Em 1885, o aperto da legislação inglesa (edição da *Criminal Law Amendment*) contra as “práticas indecentes”, eufemismo para a prática da sodomia, acompanhado do tumultuado julgamento de Oscar Wilde (1854 – 1900) em 1895, provocaria uma grande onda de medo entre os intelectuais associados ao novo movimento estético helenista. Todavia, antes de chegarmos a eles, valeria a pena reprisarmos alguns episódios da transição entre a sodomia e a criação da homossexualidade, enquanto discurso médico ao final do séc. XIX.

Até o séc. XVIII, a prática da sodomia (relações anais ou que não se propunham à procriação) poderia ser punida com a pena capital em muitos países da Europa: enforcamento na Inglaterra, afogamento nos Países Baixos, morte na fogueira alhures. O sodomita era um reptante das leis da natureza, das leis divinas. No entanto, a fim de evitar a visibilidade ostensiva da sodomia a partir das execuções públicas, as punições foram rareando ao fim daquele século. Buscava-se certa ocultação do delito: evitar as más influências (REVENIN, 2013: 463). Pois, afinal, qualquer um poderia cometer o “pecado” da sodomia.

³ Sobre homosociabilidade masculina, ver SEDGWICK 1985.

Não estava restrita a um indivíduo em especial. Este ainda não é o momento do *ser* homossexual, pode-se dizer. Como destacado por Michel Foucault no primeiro volume da *História da Sexualidade* (2012), escrito ao final da década de 1970, o termo *homossexualidade* surgiria na Psiquiatria, somente ao fim do século XIX, em 1870, no artigo médico-científico de Karl Westphal, quando se torna um fenômeno da nascente consciência da Sexualidade como uma ciência. A figura do sodomita já existia, como vimos, mas, agora, ele seria afligido por “uma espécie de androginia interior, um hermafroditismo da alma. O sodomita era reincidente, agora o homossexual é uma espécie” (FOUCAULT, 2012, p. 51; ver também REVENIN, 2013, p. 465-6). Toda sua vida será marcada por sua sexualidade, pois a ela tudo de seu ser está subjacente (FOUCAULT, 2012, p. 50). De que o *ser homossexual* só poderia existir à partir de sua criação discursiva médica dada ao fim do séc. XIX, não há mais total consenso⁴. Todavia, de que o discurso da “patologização” do sodomita (futuro homossexual) se dará nesse momento, não há muitas dúvidas. Também é possível que o termo *homossexual* (em alemão, *Homosexualität*) teria sido primeiro utilizado em 1869 pelo jornalista austro-húngaro Karl-Maria Benkert (1824-1882), também chamado de Karl-Maria Kertbeny, numa missiva dirigida a Karl Heinrich Ulrichs (ROBB, 2003, p. 67).

Traçar uma genealogia de fôlego para o termo *homossexualidade* (ou *homossexualismo*) não é tarefa simples e está fora do escopo deste artigo, mas vale ressaltar que os estudos modernos sobre o desejo sexual entre homens podem ser primeiro encontrados de maneira melhor organizada nos trabalhos do jurista e escritor alemão Karl Heinrich Ulrichs (1825-1895), na década de 1860. Defensor da descriminalização das relações homoafetivas, Ulrichs arguia ser possível encontrar um traço inerente de “feminização” do gênero em alguns homens, tornando-os uma espécie de hermafrodita: *anima muliebris uirile corpore inclusa* (“seres dotados de uma alma de mulher encerrada num corpo de homem”) (MCKENNA, 2006, p. 80; REVENIN, 2013, p. 476). O termo “hermafrodita” já era usado antes do séc. XIX na Inglaterra e designava um

⁴ Para algumas visões alternativas às de Foucault, ver as obras de Katz, 2001; Robb, 2003; Eribon, 2004: 287 e Norton, 2016)

homem com características masculinas ou uma mulher masculinizada, sem, contudo, fazer clara referência às suas possíveis proclividades homossexuais (KATZ, 2001, p. 301). No campo biológico, os médicos alemães Igor Bloch e Magnus Hirschfeld defenderiam, por sua vez, a existência de um terceiro gênero para justificar o desejo homossexual. Enquanto, em Viena, o médico Richard Von Kraft-Ebing refutaria a ideia do terceiro gênero, sem, contudo, negar o aspecto da inerência do desejo pelo mesmo sexo no homossexual. Kraft-Ebing primeiro associou esse desejo a variáveis graus de degeneração funcional do ser, para, algumas décadas mais tarde, retificar tal posição negativa da prática. A conexão da homossexualidade com a degeneração ganhou tração nos centros médicos e, numa alternativa à concepção essencialista, também foram consideradas as propriedades adquiríveis daquela aflição no convívio social. Escolas, penitenciárias, clubes, acampamentos, e até mesmo os centros urbanos como Londres, com suas *Molly houses*, ambientes aos afeitos da sodomia, eram todos esses locais de possível contaminação dos pré-dispostos pelos já constituídos (COOK, 2003, p. 08, 10-2, 74-5). O dandismo, a preocupação excessiva nos homens citadinos com a aparência e com as suas vestimentas, também levantava suspeitas de que se flertava aqui com a sodomia. Especialmente após a condenação de Oscar Wilde, o mais famoso ícone *dandy* vitoriano (COOK, 2003, p. 31-2, 40 e 84-6).

Na Grã-Bretanha, as discussões em torno da homossexualidade eram baseadas em traduções de livros que chegavam do continente, mais do que fruto de debates internos. Parte do problema para o retardo das pesquisas no tema poderia ser a associação de grupos de sexólogos britânicos com movimentos políticos tidos como indesejáveis pelo corpo médico mais tradicional da época, como a ligação dos primeiros com o Socialismo fabiano (COOK, 2003, p. 75-6). Mesmo as teorias de Freud sobre a homossexualidade parecem ter sido significativamente ignoradas pelos sexólogos num primeiro momento na Inglaterra, só ganhando importância entre os pares desse grupo após a Segunda Guerra (COOK, 2003, p. 77). Todavia, a influência dos sexólogos ingleses não foi pequena no mundo da literatura e das artes, por exemplo. O celebrado poeta e crítico literário John Addington Symonds (1840-1893),

formado em Oxford, e que levava uma vida de homossexual *out* (MOSSE, 1985, p. 38), buscou nos trabalhos desses cientistas a voz pública e oficial para as relações homoafetivas sobre as quais elaboraria seus principais trabalhos literários (COOK, 2003, p. 78). É aqui que voltamos ao movimento estético dos acadêmicos clássicos de Oxford.

O Esteticismo e o Uranismo

O Esteticismo (ou Movimento Estético) foi um conjunto de manifestações artísticas e literárias, elitistas, que valorizavam a beleza da arte e da literatura independentemente de suas possíveis funções sociais (LAMBOURNE, 1996). No mundo vitoriano britânico, encontrou solo fértil, sobejamente no cenário acadêmico de Oxford. Os estetas, seus seguidores, eram figuras ligadas ao restrito meio intelectual que apreciava, sobremaneira, as obras clássicas e neoclássicas. A forte conexão entre o movimento esteta e a homossexualidade não passou despercebida. No séc. XIX, é justamente no campo dos estudos clássicos, temas de um tempo em que as práticas homoeróticas não seriam tão apenadas, que se encontrariam os debates a respeito da criminalização da homossexualidade e de formas de promover sua melhor aceitação. O Movimento Estético teria servido como um importante canal de comunicação para e entre os homossexuais intelectuais, que se sentiam excluídos da sociedade, mas, mais importante, como uma forma de legitimarem seus desejos e aspirações nos campos políticos e judiciários (ERIBON, 2004, p. 156-7).

Formado por homens, quase que exclusivamente, esses intelectuais do movimento estético valorizarão os contornos masculinos das esculturas, da estatuária e das pinturas inspiradas no, ou oriundas do mundo clássico e da Renascença. Também a descrição literária dessa beleza será muito valorizada. Nos séc. XVIII e XIX, o corpo masculino, como representado pelos gregos, e também por romanos, adquiriu um aspecto estético e social que invadiu de forma indelével o campo das artes, mas também, o dos símbolos nacionais. Se para os estetas homossexuais o potencial erótico dessas imagens poderia ser o alvo, enquanto símbolos do poder, para os senhores dos impérios nacionais da Europa oitocentista, esses corpos masculinos, quase sempre desnudos,

precisavam ser também despidos de seu erotismo, que em nada combinaria com o apelo de respeitabilidade viril que deveria emanar de sua musculatura (MOSSE, 1985, p. 23, 31 e 64). O fato é que é o corpo masculino que ganha o proscênio, nas artes, no nacionalismo e na medicina. Não deixa de ser irônico pensar que o *revival* da estética clássica, apoiada num ideal do corpo masculino grego, e fomentada, em especial, pelos homossexuais de Oxford, tenha convivido com o processo de estabelecimento, no campo da medicina, dos padrões esperados do corpo masculino vitoriano, e que acabava por denunciar a degeneração dos corpos homossexuais.

A posição de porta voz da sexualidade que a medicina ganhou ao fim do séc. XIX deu-lhe, ainda, o dever de estabelecer a própria morfologia dos corpos sexualizados. Nos anos de 1880, o psiquiatra e criminalista italiano Cesare Lombroso (1835-1909) se desdobraria a fim de comprovar sua tese de degeneração dos indivíduos acometidos por desarranjos sexuais. Lombroso se especializou em medir as mandíbulas dos criminosos a fim de mostrar duas deformidades genéticas. Os reflexos da degeneração se dariam na mente, neurastênica e criminosa e, também, no corpo, disforme. Para Lombroso, a homossexualidade era o símbolo maior do atraso evolutivo humano (COOK, 2003, p. 80-1; ROBB, 2003, p. 50). O modelo do corpo viril, sadio, deveria se impor:

A compacidade das carnes, a firmeza, a solidez dos músculos, o calor e a sequidade do conjunto, a densidade da fibra, a pilosidade abundante são traços remarcados. Cada autor se move nesse campo conforme sua disposição. Se Buffon e Moreau de la Sarthe percebem esse corpo como quadrado, Virey discerne antes a forma de uma pirâmide invertida, e Burdach a de um cone. Todos, porém, destacam a necessária retidão, a distinção dos segmentos, a grande capacidade pulmonar, o odor forte e, para coroar a descrição, a energia de todas as funções. Balzac acrescentará ao quadro "a virilidade no olhar e na voz". Mais tarde, o escritor do *Dictionnaire Universal...* de Pierre Larousse afirmará que a virilidade se reflete na aparência (CORBIN, 2013b, p. 19).

A degeneração desse corpo é aquela do efeminado, o corpo do *invertido*, do oposto ao viril:

Igualmente representativo das qualidades do corpo masculino se revela, *a contrário*, o quadro morfológico da virilidade desfalecente. A descrição do "eunuco", do impotente, constitui, também ela, uma parte de bravura. O

anafrodita possui testículos pequenos, “pendentes e relaxados”; seu membro se mostra extremamente mole. As formas de seu corpo são arredondadas. Ele tem ombros estreitos, ancas largas, um ventre proeminente. Suas carnes, muito lisas, são úmidas e flácidas. Sua ausência de pilosidade, sua voz delicada, seu odor insulso, seu caminhar molenga revelam ao observador sua falta de vigor. O importante se mostra pusilânime, frouxo, incapaz de exercer sua dominação sobre a mulher (CORBIN, 2013b, p. 20).

Este corpo desfalecente, efeminado, é fruto do desvio da ordem da sexualidade. Do abuso nas práticas sexuais, da perda do poder do sêmen e da experimentação com o antinatural e odioso, como a sodomia (MOSSE, 1996, p. 29; CORBIN, 2013b, p. 26). Já antes da puberdade, o menino precisa se proteger a fim de não cair nessa vala da degeneração. Pois, como denuncia Ivan Jablonka, a respeito da ansiedade em torno desse menino no séc. XIX:

Imberbe, delicado, frágil, impúbere, ele não possui nenhum dos atributos da virilidade, a ‘forma quadrada, o desenvolvimento do tórax, a solidez dos músculos, a expressão masculina e segura que caracterizam o homem feito’. Ele parece pertencer ainda ao reino da feminidade, e mesmo quando são adolescentes – o Querubin de Mozart, que canta com uma voz de mezzo, ou o Bambino de Dalida, devolvido às saias de sua mãe – são rejeitados pelas mulheres por serem muito jovens para elas os amarem [...] A ambiguidade existe e, [...] por isso, não é necessário que esse último, ainda em forma de esboço, deturpe-se ou defina. A esse pré-adulto, que é o *puer*, deve-se, portanto, ensinar os códigos de virilidade, é preciso dar-lhe as chaves da confraria à qual logo ele irá pertencer. Para evitar que ele seja confinado para sempre nos limbos da infância ou nas suavidades do gineceu é preciso conformar o garoto aos principais estereótipos masculinos: a bravura, a honra, a lealdade, a vontade de dominação e o complexo de superioridade em relação às mulheres. A idade viril deve ser preparada desde a infância (JABLONKA, 2013, p. 37-8).

Portanto, tal dubiedade do gênero no garoto poderia se estender, se não tomadas as “devidas” providências da masculinização, à adolescência e, até mesmo à idade adulta. A ambiguidade desse corpo poderia ser indesejável ao discurso que vinha das elites nacionalistas, mas, ao fim do séc. XIX, havia locais socioculturais onde a androgenia poderia ser apreciada:

Nos países ocidentais, até o ano de 1850, a figura andrógina masculina estava associada a conceitos que iam da fraternidade à solidariedade. Todavia, ao fim do séc. XIX, em muitos aspectos, a indefinição do gênero foi considerada muito inadequada, próxima do vício e da perversidade sexual. Não há a rejeição mais acirrada que o hermafroditismo receberia; não obstante, a androgenia

parece estar em desacordo com a ideologia do masculino que começa a prevalecer. Naturalmente, o declínio do prestígio das representações andróginas nas artes não acontece de forma nem abrupta, muito menos absoluta. A representação ambígua do corpo masculino funciona como metáfora da beleza fluida, que 'se põe como a juventude da meninice, da graça, e da beleza a serviço de uma identidade sexual em constante mutação' (MOSSE, 1996, p. 92). A figura do andrógino esteve ligada ao classicismo, em especial às imagens de efebos e do deus Apolo. O culto à beleza dúbia no meio artístico e os chamados intelectuais decadentes do *fin de siècle*, permitiram a sobrevivência da androginia em uma sociedade cada vez mais hostil a tudo o que escapava das novas normas imperiais e da sexualidade regrada pela medicina. De fato, a permanência do andrógino nas artes funcionou como uma resistência ao posicionamento normativo da masculinidade e da feminilidade (MOSSE, 1996, p. 92-3; trecho *verbatim* em PINTO, 2016, p. 272).

E é entre os estetas de Oxford que se poderia encontrar os maiores apreciadores dessa androgenia nas artes de inspiração clássica e neoclássica, ou, mais precisamente, entre os chamados uranistas vitorianos. Estes, ao se aproximarem das ideias do "amor grego" encontradas no Banquete, de Platão, apreciarão, pode-se argumentar, a beleza do corpo masculino grego, mas não somente a daquele já adulto, antes, fixar-se-ão nas representações do jovem rapaz, próximo ou no início da sua adolescência. Trata-se, no movimento uranista, de tentar reviver, no séc. XIX, uma forma de *paidierastia* (MCKENNA, 2006, p. 80 e 88), a tão conclamada relação entre o erômenos (*ἐρώμενος*), jovens livres de 12 a 17 anos que, ideologicamente, assumiria o papel de parceiro passivo, e o erastes (*ἐραστής*), cidadão adulto que deveria dominar a relação⁵.

O termo "amor uranista" (em alemão, *Uring*) teria sido primeiro criado por Karl Heinrich Ulrichs, na década de 1860, numa série de fascículos intitulados *Forschungen über das Räthsel der mann männlichen Liebe* ("Pesquisas a respeito do mistério do amor entre homens") e se referia à

⁵ Para uma análise cuidadosa dessa complexa dinâmica do mundo grego, ver FOUCAULT, 2010. Para o surgimento e desenvolvimento do Uranismo na Inglaterra, ver MCKENNA, 2006 e KAYLOR, 2006).

existência de uma alma feminina presa ao corpo de um ser masculino que, por isso, sentir-se ia atraído sexualmente por alguém de seu mesmo sexo (SOX, 1991, p. 17). Para Ulrichs, esse indivíduo masculino, cindido por seu sexo biológico e uma alma feminina, e, conseqüentemente, tendo seu desejo "invertido" (daí o fato do termo "invertido" ser também usado para designar os homossexuais no séc. XIX), configuraria um "terceiro sexo", categoria que abarcaria indivíduos diagnosticados, logo mais, pelo psiquiatra alemão Magnus Hirschfeld, como andróginos, hermafroditas, homossexuais, pederastas e transexuais (REVENIN, 2013, p. 476). Enquanto os estudos de Ulrichs apontavam à inseparabilidade dos espíritos masculino e feminino na existência do homossexual, tal hibridez de desejos não seria aceita por todos. Karl-Maria Kertbeny expressou sua oposição às conclusões de Ulrichs (ERIBON, 2004, p. 288), e os uranistas, por exemplo, também rejeitaram tal aproximação do "amor grego" com o universo feminino.

Na Inglaterra, o termo "uranista" teria sido logo apropriado por parte da intelectualidade helenista de Oxford, como equivalente àquele do "amor grego", em alusão à filosofia do amor fraternal entre jovens rapazes e seus tutores, formulada por Platão e por outros filósofos gregos. Também pode ser que a origem do termo "uranista", usado pelos helenistas ingleses interessados no "amor grego", nada tenha a ver com as categorias sexuais propostas por Ulrichs, ainda que seu uso possa ter sido reforçado por elas num segundo momento (KAYLOR, 2006). Neste caso, o termo "uranista", abraçado pelos intelectuais helenistas de Oxford, teria vindo do mito de Urano e Afrodite, embora, possivelmente, o próprio Ulrichs tenha se inspirado na mesma fonte mitológica (KAYLOR, 2006). Na mitologia grega, Urano foi o pai dos Titãs e, de seus testículos, decepados por Cronos (Hesíodo, *Teogonia*, 176-206), teria nascido Afrodite, deusa do amor, e, por metonímia, do sexo. Platão, no Banquete (180 e - 182c), por meio da personagem Pausânias, fendeu Afrodite em duas: uma, terrena, reprodutiva, a dos amores vulgares, chamada de Pandêmia e a outra, a deusa de amores sublimados, de valores nobres, elevados, ligados ao amor entre os amigos, não carnal, foi chamada de Urânia (GRAFTON et al, 2010, p. 53). Deriva desta última conceituação a filosofia

pederástica que os intelectuais propagadores do “amor grego” utilizarão ao final do séc. XIX. Os uranistas argumentavam buscar apenas o exercício do amor platônico, algo da mais alta pureza, em nada maculado pelos prazeres da carne. De fato, após o julgamento e prisão de Oscar Wilde em 1895, e da clara criminalização dos atos obscenos, era mais do que prudente manter qualquer filosofia pederasta o mais distante possível da prática (SOX, 1991, p. 17). A própria defesa de Wilde, intimamente ligado ao movimento uranista (MCKENNA, 2006), tentou convencer o júri de que o amor que o poeta preconizava tinha fins pedagógicos, e não se vulgarizava no contato carnal, antes, apenas existia enquanto contemplação da nobre estética masculina, princípios encontrados em Platão e nos sonetos de Michelangelo (ERIBON, 2004, p. 178). A ameaça da punição legal fazia com que os poetas e artistas uranistas se mantivessem em círculos restritos, e fizessem, por vezes, uso de pseudônimos. As salas e os gabinetes de Oxford poderiam suprir essa privacidade. Mas era na troca de missivas que poderiam melhor expor suas ansiedades e proposições para o *l'amour de l'impossible*. Assim como acontecia com grupo dos estetas, dos quais também faziam parte, os uranistas vitorianos encontraram nas suas manifestações artísticas e nos contatos que criaram uma forma de guarida intelectual contra o preconceito social e às crescentes constrições da lei (MCKENNA, 2006, p. 88). Mas era impossível escapar das sombrias implicações morais e éticas de sua filosofia no séc. XIX. Ainda que dissessem não procurar materializar a pederastia grega, somente desfrutá-la no mundo da filosofia, sempre pairava a dúvida do alcance de suas intenções. Seja como for, a delicada (e tensa) separação entre o amor carnal e o sublime amor platônico marcarão profundamente o movimento uranista, nunca o abandonando.

Por que Oxford teria se tornado um abrigo e difusor dos defensores do “amor grego”? Uma possível resposta seria muito complexa, mas nota-se que no séc. XIX, em Oxford, era comum que um aluno convidasse outro para uma tarde de chá. Tratava-se de um ambiente quase que exclusivamente masculino, mas não só: era, também, significativamente misógino. A religião desempenhava, por vezes, um papel importante na subestimação das mulheres,

tidas como inferiores. Somente no séc. XX as mulheres poderão frequentar a universidade, e mesmo assim, enfrentando considerável preconceito. Tal ambiente era condutivo à aproximação dos corpos masculinos e, potencialmente, à prática da homossexualidade (SOX, 1991, p. 16). Como já mencionando, os rapazes chegavam mesmo a compartilhar suas camas nos dormitórios de Oxford e tal intimidade, relacionada a uma forte e resiliente tradição homosocial masculina na Inglaterra, não poderia deixar de favorecer, também, a homossexualidade. Outro aspecto importante é o *status* dos estudos clássicos entre os jovens de Oxford (MOSSE, 1985, p. 81 e 85). A pederastia grega e o homoerotismo romano, retratados nos textos e na arte clássicos, serviam de temas às discussões entre os jovens alunos e seus professores, que poderiam acontecer em ambientes íntimos, longe dos olhos dos censores e do grande público. A aproximação com a dinâmica da relação do erastes com o erômenos não poderia ser ignorada.

Em suas memórias, o reitor (*Warden*) do Wadham College, Maurice Bowra, esclarece o que se deve esperar dos jovens de Oxford: um profundo conhecimento das obras dos autores clássicos, pois nelas sobrevive o passado que deve servir de base para toda a educação humana (SOX, 1991, p. 25). Não se exagera ao dizer que o conceito de "amor grego", como compreendido pelos helenistas, estetas e uranistas de Oxford, serviu a algumas das mais influentes representações da homossexualidade no meio artístico e intelectual da Grã-Bretanha na era Vitoriana. Proibido na prática, pela legislação, o homoerotismo floresceu na expressão artística britânica como nunca antes. Na poesia, deu início ao que esse conhece por *Uranian Poetry*, fenômeno que duraria ao menos até meados da década de 1930.

Pertencer ao movimento estético ou uranista, ou ter exultado o "amor grego", não pode ser o suficiente para definir os principais artistas, poetas e literatos da Inglaterra vitoriana. Tratava-se de intelectuais, a maioria oriunda de Oxford, por vezes de países vizinhos, e suas vidas foram complexas e multifacetadas. Até hoje são tema de intensos debates e geram milhares, se não milhões, de páginas escritas, em papel e na internet sobre seus trabalhos e suas biografias. A figura que se apresenta quase que omnipresente no encontro dos

movimentos estético, dandista e uranista é o irlandês Oscar Wilde. Figura simbólica da homossexualidade no séc. XIX, sua vida e obras, e sua condenação por "atos indecentes" em 1895, tornaram-se mesmo mitológicas. Não haveria espaço aqui para nomear e explorar a vida dos uranistas, muito menos as dos ícones do movimento. Cabe apenas mencionar alguns, de maneira um tanto quanto epidérmica e beirando o anedótico. Tomarei essa pequena liberdade agora.

Além de Wilde, outros poetas deixaram registradas suas obras e concepções uranistas. Entre esses, John Addington Symonds (1840 – 1893) e o sexólogo Havelock Ellis (1859- 1939), com a obra *Sexual Inversion*, Edward Carpenter (1844 - 1929) e Walter Pater (1839 – 1894). Suas vidas, como dito, podiam se encontrar no uranismo, mas eram diversas em suas colocações sociais e políticas. Carpenter está associado à fundação do Socialismo Fabiano, movimento político cujo nome se inspira no paciente, mas infatigável (daí o epíteto de "o *Cunctator*") cônsul romano Quinto Fábio Máximo (280 a.C. – 203 a.C.), que lutou contra os cartagineses. Edward Carpenter procurou estudar o "amor grego" entre os trabalhadores da Inglaterra, podendo ser compreendido como um ativista homossexual na causa operária da época (MCKENNA, 2006, p. 203). De uma forma ou de outra, todos tiveram de defender seus desejos sexuais naquela Inglaterra vitoriana e, ao mesmo tempo, viver suas sexualidades. O ensaísta Walter Pater (1839 – 1894), o "pai do Movimento Estético", defendia o "amor grego" como parte necessária à compreensão da escultura grega. Não se deveria demorar-se na observação do feminino, mas, tão somente, olhar à estética do corpo ideal masculino. Só assim, segundo Pater, o helenista Johann Joachim Winckelmann (1717- 1768) teria logrado executar seu trabalho de catalogação da arte grega no séc. XVIII. Embora os trabalhos de Pater pudessem ser interpretados pelos críticos como pouco acadêmicos, exerceram enorme influência nos alunos de Oxford entre 1880 e 1890 (SOX, 1991, p. 17 e 23; ROBB, 2003, p. 91-2). E Pater teria sido mais explícito na defesa do amor carnal entre homens adultos e jovens rapazes, mesmo que obliquamente (ERIBON, 2004, p. 159-79).

Ente os uranistas, também se encontravam grandes colecionadores de obras eróticas romanas e gregas, caso do estadunidense Edward Perry Warren (1860-1928), que poderia ser considerado *queer* então, ou seja, um sodomita, um pederasta. Edward Warren (também chamado de Ned Warren, pelos amigos) viveu sua idade adulta na Inglaterra, grande parte dela ao lado de seu companheiro, o arqueólogo John Marshall, frequentou Oxford e é mais conhecido por ter sido o comprador da hoje também famosa e controversa *Warren Cup* (SOX, 1991, p. 253; WILLIAMS, 2006; PINTO, 2011). Warren estava completamente inserido no círculo de influências dos intelectuais helenistas de Oxford, o círculo dos estetas. Se poderia haver algum embaraço em ser associado às práticas do “amor grego”, pederasta, Warren não parece ter esposado esse receio com tanta intensidade. Ingenuidade, talvez. Seja como for, Warren fazia uso do pseudônimo Arthur Lyon Raile ao escrever seus poemas pederásticos. Justamente por causa do uso do pseudônimo, poucos sabiam da veia poética de Warren, mais conhecido por ser um colecionador de *Erotica* (SOX, 1991, p. 17-8). Influenciado, ou mesmo obcecado pela filosofia dos uranistas, Warren adotou o termo para se referir à pederastia em suas obras: escreveu *The Defense of the Uranian Love* (1928), e *The Wild Rose* (1909), sem lograr muito sucesso de público. A publicação dos poemas causou embaraço pela má qualidade e pelo conteúdo suspeito, em especial em Robert Seymour Bridges (1844-1930), crítico literário, poeta e amigo de Warren. Ao avaliar *The Wild Rose* – a rosa selvagem, diferentemente da rosa cristã, era o símbolo do amor chamado de “grego” pelos helenistas –, Bridges se mostra chocado com a intenção pederástica de Warren (SOX, 1991, p. 83, 84, 85).

Talvez a segunda figura mais marcante entre os uranistas, depois de Oscar Wilde, tenha sido John Addington Symonds (1840 – 1893). Poeta e crítico literário inglês, foi o autor de *A Problem in Greek Ethic* (1883), uma eulogia ao “Amor Grego”, mas chamava a pederastia de o “amor indizível”. Trocou muitas cartas com o poeta estadunidense Walt Whitman (1819 - 1892) e buscava desvendar na obra de Whitman, “Calamus”, algo de sexual, o que o próprio Whitman teria negado, não convincentemente (KATZ, 2001, p. 243-4, 262 e 381 N. 6). Mas Symonds teria admitido que “o amor grego” já não teria espaço no

mundo em que vivia, que seria um amor de entusiasmo nobre, não negava, mas pervertido na paixão sexual. Eve Sedwick sugere que tais negativas nada mais eram do que um proposital jogo de cena (1985, p. 202-3). Symonds teria mesmo mantido uma relação, supostamente sexual, com ao menos um de seus jovens alunos: Normam Moor (BOOTH, 2002; SCHULTZ, 2004, p. 408-9). Symonds poderia ser considerado um grande ativista da causa homossexual na Inglaterra vitoriana, ao lado de Edward Carpenter (MCKENNA, 2006, p. 71). De fato, é atribuída a Symonds a notoriedade de ter sido o primeiro a introduzir na língua inglesa a palavra "homossexual", na obra *A Problem in Modern Ethics*, em 1881, com a expressão "homossexual instincts" (FOSTER 2004, p. 98; NORTON 2016, p. 70).

Para além dessa sequência de minibiografias, diz-se, que eu apresentei na tentativa de mostrar um lado mais mundano e humano desses autores, a ligação que tiveram com o classicismo ensejará a conjectura que farei abaixo. Que os intelectuais uranistas tivessem uma forte ligação com os estudos helênicos não causa estranhamento. Afinal, suas percepções da filosofia do "amor grego" advinham prioritariamente de Platão, dentre outros filósofos e artistas gregos. Mas muitos deles não deixaram também de apreciar o mundo romano. Walter Pater, por exemplo, dedicou-se a estudar as idílicas aventuras de um jovem e belo romano em *Marius the Epicurean* (1885), que acabou por se tornar fonte de inspiração para muitos dos estudantes de Oxford (SOX, 1991, p. 23).

A antiguidade romana, ressignificada, desempenhou um importante papel na formação da cultura imperial britânica. Principalmente, o aspecto de coerência que o Império Romano ganhava no meio acadêmico europeu, com o trabalho de Theodor Mommsen, *Römische Geschichte* (1885), fator que o tornava atraente para servir às comparações com outros impérios modernos. Na obra de Mommsen, a coesão do Império romano se deu por que foram capazes de aperfeiçoar a instituição da urbanização em todo o império. Na Inglaterra, o arqueólogo Francis Haverfield consolidará a noção de mudança identitária dos nativos das províncias quando em contato com a cultura material tida como romana, algo que será conhecido como romanização. Um importante elemento

derivado dessa noção é o aspecto identitário que ela encerra. Se os bretões foram romanizados, então os ingleses do séc. XIX poderiam ser seus descendentes. Mas isso não significava que *todos* os britânicos haviam herdado a cultura clássica em seu sangue. Tampouco se poderia dizer que a ideia da miscigenação conseguiu se sobrepor a uma outra, que comportava a ideia de que bretões haviam vivido vidas separadas na província da *Britannia*. Seja como for, que a questão étnica tenha sido encorajada pelos trabalhos de arqueólogos em Oxford mostra a força do uso do passado romano para configurar as aspirações imperiais do período vitoriano⁶. Teriam os artistas e poetas uranistas britânicos também se preocupado com as questões étnicas que motivaram os paralelos entre os Impérios Romano e Britânico? Se sim, como poderiam representá-las? Tão preocupados que estavam com a estética do corpo masculino clássico, pode-se conjecturar que, debruçaram-se sobre o tema, esperaríamos encontrar nos poemas ou nas obras artísticas daqueles uranistas elementos que alinhavassem as representações de seu “amor grego” àquelas que os discursos identitários criavam dos romanos que haviam ido à ilha em 43 d.C. Proponho, então, um exercício de aproximação a essa conjectura.

Uma estética uranista em *Cilurnum*?

Segundo a *Historia Augusta* (HA Adr. 5.2), o imperador romano Adriano (76 d.C. - 138 d.C.) teve de lidar com diversos episódios de sedições no império à época de sua ascensão ao trono em 117 d.C. Longe de estarem apenas localizadas no oriente, entre os judeus, as revoltas teriam sido maciças na *Britannia*, a ponto de lá ter tombado grande parte da legião *IX Hispana*. Como um sinal de apaziguamento dos ânimos na região, ou para ratificar ainda mais a presença do poder romano na ilha, para lá partiu o novo imperador, em pessoa, no ano de 122 d.C., a despeito das distancias a serem vencidas. Deduz Anthony Birley (2013, p. 132): “na *Britannia*, não deveria passar despercebido o arrojo de tal viagem a plagas tão distantes, como antes haviam sido os feitos dos grandes

⁶ Para análises mais abrangentes do fenômeno da Romanização e das questões identitárias presentes nas comparações entre o Império Romano e o Britânico, ver HINGLEY, 2000 e 2005; REVELL, 2016, p. 1-9.

conquistadores do Mundo Antigo, máxime, Alexandre". Em um movimento que potencialmente mimetizaria o conquistador macedônio no desbravamento levado a cabo pela marcha rumo ao extremo de seu império a leste, Adriano chegava, *mutatis mutandis*, ao ponto mais setentrional do Império Romano. Seja como for, se tomada como confiável a *Historia Augusta* no relato da *expeditio Britannica*, seu intento teria sido o de construir um muro que separasse romanos de bárbaros (*HA Adr.* 11.2).

O Muro de Adriano demorou por volta de dez anos para ser terminado, com inúmeras modificações do plano original (SALWAY, 1984, p. 22; HINGLEY, 2012, p. 17). Em uma extensão de quase cento e dezoito quilômetros, cortando o norte da atual Inglaterra e leste a oeste, próximo do que séculos depois seria a moderna fronteira entre a Inglaterra e Escócia, a muralha contava com inúmeras fortificações, com ou sem passagens para travessias entre os dois lados, e de variadas formas e diversos propósitos militares, que deveriam abrigar os soldados e oficiais. Alguns desses fortes tornaram-se, por vezes, vizinhos de assentamentos civis (*uici*) (HINGLEY, 2012, p. 23, 28). Pedras comemorativas encontradas ao longo do Muro indicam que três legiões romanas (*II Augusta*, *VI Victrix* e a *XX Valeria Victrix*) estiveram envolvidas nos trabalhos de construção, possivelmente com a ajuda (espontânea ou não) de outros trabalhadores civis do sul da ilha, talvez mais de quinze mil homens trabalhadores (HOBBS; JACKSON, 2010, p. 43; HINGLEY, 2012, p. 19 e 21). Os trabalhos de construção e de manutenção continuaram após a visita de Adriano, que pode ter se utilizado da grandiosidade da linha de fronteira como um instrumento de poder para melhor disciplinar as tropas e impressionar os subalternos do império (BIRLEY, 2013, p. 133).

Ao longo dos séculos, mormente no séc. XIX, a presença física das ruínas do Muro de Adriano e dos fortes que o ladeavam na paisagem britânica levou os artistas, literatos, estudiosos ingleses e antiquários a refletirem sobre a grandeza romana e àquela do Império Britânico. Uma obra de tal dimensão, naquele cenário, também servia para assombrá-los, em retrospecto, com a finitude da existência dos grandes impérios. Igualmente, o papel dos bretões naquela empreitada não estava nem perto de ser consenso entre os intelectuais

oitocentistas (HINGLEY, 2012, p. 155). Na Era Vitoriana, os comentaristas britânicos argumentavam que, na Antiguidade, os bretões haviam sido, ao mesmo tempo, protetores e algozes das guarnições espalhadas ao longo do Muro de Adriano. A população bretã era ora vista como selvagem, ora ingênua, ainda que nobre. Dai se originou sistemática contradição entre aqueles que enxergavam nos bretões a encarnação da defesa da nação e aqueles que os viam como selvagens, este último grupo em geral descrito como os antepassados dos escoceses e galeses, que precisavam ser aculturados pelos romanos (HINGLEY, 2012, p. 169-170). Abria-se, desta feita, a discussão sobre a colaboração ou não entre romanos e bretões na edificação e manutenção do muro de Adriano. Esse debate ganharia também o mundo das representações no séc. XIX. Autores e pintores vitorianos retratariam a construção do muro e procurariam expor suas posições a respeito do papel de bretões na empreitada. Nunca desapareceria, contudo, a noção de que alguns bretões eram contrários à permanência dos romanos naquela região, em especial, os caledônios, da região da atual Escócia. Muitas vezes, esses bretões eram retrados *seminus*, numa clara oposição à indumentária militar romana. A ambivalência entre os nativos selvagens, opositores da civilização, e aqueles que de alguma forma contribuíam para a construção do muro romano aparecerá na pintura do jovem de *Cilurnum* (HINGLEY, 2012, p. 170-1), que apresentarei adiante.

A fronteira entre a Escócia e a Inglaterra, em meados do séc. XVIII, era um local conturbado. Os conflitos entre os jacobitas (católicos escoceses e apoiadores do pretendente ao trono, Carlos Eduardo Stuart) e as forças inglesas de George II (protestantes, que defendiam a coroação de dinastia Hanôver) alcançaram um auge na Batalha de Culloden (1746). Antes da derrota das fileiras escocesas na batalha, a importante cidade inglesa de Newcastle upon Tyne, próxima às ruínas do muro de Adriano, do lado leste, havia sido palco de resistência obstinada aos jacobitas e, ainda que tenha havido pânico entre a população, permaneceu em mãos inglesas durante o conflito. Nesse momento, o muro de Adriano foi retratado pelos militares ingleses como uma linha de defesa, e, se não amplamente viável do ponto de vista da eficiência defensiva, ao menos era percebido como uma barreira psicológica contra os escoceses. O

cartógrafo do séc. XVIII, George Smith, acreditava que, tivessem as forças inglesas ao menos se utilizado das ruínas como pontos de distribuição de tropas, a cidade inglesa de Carlisle, no lado oeste da ilha, não teria caído em mãos jacobinas tão facilmente em 1745 (HINGLEY, 2012, p. 121-2, 124). A partir de 1750, as próprias ruínas do muro poderiam indicar uma rota militar entre Newcastle e Carlisle, melhorando a comunicação entre as cidades que ocupavam os extremos leste e oeste do antigo muro romano. O interesse pela escavação da região do Forte de *Cilurnum* (perto da atual Chesters) vem do final do séc. XVIII, inserido no contexto dos conflitos entre Inglaterra e Escócia. É possível, de acordo com Richard Hingley, que, além da missão de viabilizar a construção da nova estrada militar, os dois pesquisadores militares contratados pela Coroa inglesa, Dugal Campbell e Hugh Debbieg, tenham procurado mapear os fortes romanos com o fito de melhor compreender como um império de outrora teria imposto a paz por meio de suas defesas no muro (HINGLEY, 2012, p. 127).

Com as escavações, começaram a surgir inscrições romanas entre as ruínas do forte. Tais inscrições epigráficas falavam de tribos nativas que poderiam ter sido ativas na construção do muro, mas que, muito mais provável, teriam sido escravizadas no processo. Um império mais agressivo contra os nativos começa a se desenhar (HINGLEY, 2012, p. 174-5). Todavia, não desaparece de todo a representação do bretão que convive de forma honrada com aquela presença romana. As escavações de *Cilurnum* chamaram muito a atenção dos intelectuais britânicos ao fim do séc. XIX por terem desvendado ruínas que indicariam a existência de um importante fórum romano no sítio, transformando a concepção de que seria uma simples guarnição numa de dinâmica cidade, com forte presença militar. O principal propagador dessa ideia foi o antiquário John Clayton (1792 – 1890), que realizou extensivas escavações na área de Chesters a partir de 1840 (HINGLEY, 2012, p. 171 e 173). Tal função urbana seria desafiada alguns anos mais tarde pelo arqueólogo Francis Haverfield, contudo. O suposto fórum é hoje identificado como nada mais do que um simples quartel-general (*principia*). Ainda assim, as escavações de

Cilurnum continuaram por algum tempo a influenciar o imaginário de autores e comentadores do fim da era vitoriana (HINGLEY, 2012, p. 197-8).

Como mencionado, o expansionismo do Império Britânico era diversas vezes comparado àquele do Império Romano e os estudos do *limes* romano-germânico acabaram por também deitar grande ênfase sobre o Muro de Adriano. As dificuldades imperiais no contato e convívio com a diversidade étnica dos povos conquistados eram tidas como paralelas entre Roma e a Inglaterra, realidades separadas apenas pelo tempo, muitos argumentavam (HINGLEY, 2005, p. 30-40). O Muro de Adriano teria servido como proteção, como separação necessária. Aos súditos do Império Britânico, era importante compreender como havia sido executada a obra pelos romanos e para que fins imperiais. Mais ainda, se queriam se colocar como herdeiros daquela cultura imperial, era mister compreender qual teria sido a reação dos seus antepassados diante da implantação daquela linha de fronteira no norte da *Britannia*. As percepções contraditórias da natureza das atitudes dos bretões diante da presença romana na província também podiam ser encontradas nas obras imagéticas que tratavam do Muro de Adriano no período vitoriano. Tais imagens parecem ter sido inspiradas em uma crescente ansiedade com os percursos abertos ao Império Britânico na segunda metade do séc. XIX. As pinturas e gravuras que tinham como tema o muro também mostravam, por vezes, elementos étnicos retratados nas atitudes advindas da proximidade entre romanos e bretões naquele ambiente limítrofe. As preocupações étnicas poderiam ter surgido, em especial, devido às instabilidades militares no Afeganistão e na Índia nas décadas de 1840 e 1850 e às novas divulgações dos estudos raciais resultantes da frenologia. Importante citar, no séc. XIX, o exército britânico recrutava soldados indianos e o paralelo com as tropas auxiliares romanas não era de todo raro (HINGLEY, 2012, p. 162-5).

É neste mesmo momento da era vitoriana que podemos localizar a gravura que representa um jovem rapaz, púbere, a descansar no forte de *Cilurnum* (Fig. 1), possível obra do ilustrador Charles Cattermole (1832-1900) constante da revista londrina *Belgravia*, publicação de abril de 1876 (BRADDON, 2009). A imagem do jovem está acompanhada de um poema chamado

Cilurnum, basicamente apócrifo, identificado apenas pelas iniciais "H.P." (PINTO, 2016, p. 272-3 e 313). O arqueólogo Richard Hingley (2012) elabora uma instigante interpretação da imagem e do poema que a acompanha, à luz da ambivalente participação dos bretões no cotidiano do muro romano. Apresento, a seguir, uma síntese da análise de Hingley (2012, p. 170-4).

Em determinado trecho do poema atribuído a "H.P.", pode-se encontrar a indicação de que um jovem bretão, no forte de *Cilurnum*, sentado sobre uma mureta, desenha, na superfície de um fragmento de cerâmica (uma telha, talvez), a imagem de um tal destemido (*bold*) guerreiro. O poema alude a um número grande de vestígios romanos em *Cilurnum* (BRADDON, 2009, p. 130-5; HINGLEY, 2012, p. 171). Talvez a inspiração do poeta ao citar fragmentos arqueológicos tenha vindo das coetâneas escavações do antiquário John Clayton (1792–1890) na região do forte romano, que haviam revelado desenhos epigráficos de guerreiros, talvez feitos pelas mãos de crianças bretãs. Nessa alusão ao trabalho da escavação, Hingley percebe uma possível conexão entre o passado romano e o contexto imperial britânico do séc. XIX. O jovem de *Cilurnum* é um bretão nato, o poema enfatiza. A imagem da gravura de Cattermole nos revela outros detalhes. O jovem imberbe, ou nos primeiros anos da puberdade, não está só. A gravura marca claras diferenças entre ele e o soldado romano que aparece ao fundo, com uma lança nas mãos, em pé, sobre uma torre de vigia. Enquanto o vigilante romano traja vestes militares, o jovem bretão está seminu, coberto por um manto, apenas. Em seu antebraço direito, o único visível, e ao redor do pescoço, há um bracelete e um colar, ambos, é provável, de metal. Aos pés do jovem repousam, um escudo, no estilo da Idade do Bronze, e uma lança, anódinos, objetos que não parecem oferecer perigo a ninguém. Na face interna da mureta se lê SPQR (acrônimo de *senatus populusque romanus*), o que aponta para a clara origem romana da edificação. O poema esclarece, a respeito da atividade do jovem sobre a telha, que não se trata de exercício de escrita mas, sim, o de desenho. Seria analfabeto? Se o jovem vive em aparente harmonia com os romanos no forte, também nada parece querer fazer para defendê-lo de qualquer ameaça. Fielmente, não parece que se esperaria dele qualquer atribuição beligerante. Cabe ao soldado romano

o papel da vigília. O poema reconhece o perigo dos ataques dos bretões caledônios, hordas que vinham do norte, bárbaros, de atalaia, mas apela à proteção do guardião romano na defesa do muro. Daí a função guardiã do muro e o reconhecimento de que a presença romana é sinônima de segurança. Predominava no séc. XIX a percepção de que o muro, símbolo da perda de independência, havia mesmo feito esvair a vontade dos bretões em lutar. A gravura e o poema de *Cilurnum* não apontam para a romanização do jovem. Nem, tampouco, para qualquer indicação de mudança identitária. Finaliza Hingley: o jovem continua a se vestir e agir como um bretão, complacente, sem a menor intenção de ajudar os romanos (HINGLEY, 2012, p. 170-4).

À análise de Hingley do poema e da gravura do jovem de *Cilurnum*, pode ser adicionada outra, breve, que leva em consideração o contexto cultural de meados do séc. XIX e suas representações artísticas de masculinidade e androgenia. O corpo do poema de "H.P." deixa claro o gênero da personagem central: um nobre rapaz (*a noble boy*) bretão (*a Briton born and bred*) entretido na arte de um esboço (BRADDON, 2009, p. 134). Diferentemente do poema, a legenda da gravura declara que o jovem está escrevendo em latim. Os versos são uma ode à grandeza de Roma e às virtudes naturais do norte da Grã-Bretanha, ressaltando a masculinidade de alguns personagens, referindo-se ao uso de barbas pelos guerreiros do norte (BRADDON, 2009, p. 131-2). Na gravura de Cattermole, como já dito, o jovem está seminu, vestindo apenas um manto, ou toga. Se for uma toga, então teria adotado parte importante da vestimenta masculina romana. As feições do jovem adolescente seriam, ao olhar moderno, muito ambíguas quanto aos seus atributos masculinos. A delicadeza dos traços e a exibição erotizada do corpo indicam certa efeminização da imagem. Vela lembrar, mais uma vez, que há outra figura masculina lá representada, aquela do soldado romano, sem que haja, neste último caso, qualquer ambiguidade quanto ao sexo ou gênero do retratado. Seria essa uma interpretação alternativa de Cattermole à masculinidade dos jovens rapazes bretões no período do domínio romano? O veículo do poema e da imagem que o acompanha podem nos oferecer algumas pistas, ainda que não a solução final. A revista *Belgravia*, dirigida pela atriz e escritora Mary Elizabeth Braddon

(1835-1915), foi uma das primeiras a ter uma mulher no comando editorial, e parece ter desfrutado da fama de veículo impresso inovador e transgressor no período vitoriano. Braddon se tornou famosa por seus romances, que falavam de crimes na alta sociedade vitoriana, e que contavam, por vezes, com personagens femininas independentes e agressivas, tendo sido mesmo a autora mais bem-sucedida em seu auge, para o período. Sua casa era frequentada por figuras famosas do movimento estético londrino, como Oscar Wilde. De fato, Braddon teria se inspirado em Wilde para criar o personagem Daniel Lester, em um de seus romances, *The Rose of Life*, de 1905 (BELLER, 2012, p. 5, 6 e 171).

Não se conhece muito da biografia de Charles Cattermole, o provável pintor da imagem, mas sabe-se que era sobrinho do também pintor George Cattermole, famoso ilustrador das obras de Charles Dickens. Charles Cattermole e suas aquarelas frequentaram, com assíduo, as galerias inglesas de arte na segunda metade do séc. XIX (ENGEN, 1979; COHEN, 1980; ROGAL, 2002, p. 370). A proximidade de Cattermole com o cenário cultural do final do séc. XIX e com Elizabeth Braddon pode tê-lo posto em contato, também, com as aspirações da estética andrógina do período. Se, também, da cultura pederástica, não se poderia dizer ao certo. O que considero relevante é que, no contexto de tentativas, por meio das construções discursivas de romanização, de tentar aproximar a história da Bretanha Romana ao ideal do séc. XIX, a figura do jovem de *Cilurnum* mostra outra visão do masculino, destoante daquela de outros heróis bretões, como a do príncipe bretão Carataco, este último construído desde o séc. XVI como uma figura-receptáculo de atributos masculinos como honra, nobreza e respeito (MIKALACHKI, 1998, p. 102-3). O que une as duas, no entanto, é o fato de terem sido usadas interpretações do mundo romano como inspiração para a definição do masculino na modernidade.

Não é possível determinar se "H.P" ou Charles Cattermole se identificavam com a filosofia uranista, mas seu poema e gravura, respectivamente, poderiam, sem grandes dificuldades, serem comparados ao ideal masculino que o movimento uranista festejava no séc. XIX. A maneira como o jovem de *Cilurnum* esboça, na tela cerâmica, a figura de seu corajoso guerreiro, viril, que contrasta com suas formas andróginas, e ainda, como o

poema deseja que o jovem seja protegido por tal guerreiro, que também guarda o Muro de Adriano, remetem, ao mesmo tempo, à relação idealizada pelos uranistas do erastes e do erômenos, e às crescentes preocupações étnicas do Império Britânico. Trata-se mesmo de uma conjectura, mas poderia ser, ainda assim, uma oportunidade de cotejarmos essa alvissareira aproximação entre as polissêmicas masculinidades e as preocupações étnico-imperiais da era vitoriana.⁷

⁷ **Agradecimentos:** Gostaria de agradecer a Fábio Vergara Cerqueira e Daniele Gallindo Silva pelo convite à publicação do presente texto no dossiê "Sexualidade e Gênero na história". Agradeço, ainda, a Victor Henrique S. Menezes pela ajuda na correção e formatação do texto. A responsabilidade por qualquer incorreção recai somente sobre o autor

FIGURA



C. Cattermole, del.

Digitized by Google W. A. Cranston, sc.

"THERE SITS A NOBLE BOY, . . . INTENT UPON A WORK OF ART."

Fig. 1 – Jovem de *Cilurnum*, de W. A. Cranston, a partir de imagem de Charles Cattermole. (?) 1876. Publicada na revista *Belgravia*, no ano de 1876. *Tyne and Wear Museums, J. Collingwood Bruce Archive* (HINGLEY, 2012, fig. 9.7; p. 172; PINTO, 2016, fig. 30, p. 313; digitalização *Google Images*).

Referências bibliográficas

Fontes

BRADDON, Mary Elizabeth. **Belgravia [1876]**. Danvers, MA: General Books, 2009. Original de 1876.

HESÍODO. **Teogonia & Works and Days**. Oxford: OUP, 1988.

PLATÃO, **O Banquete**. 1ª. Edição. São Paulo: Editora Abril, 1972.

SHA. **História Augusta**. Disponível em: http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Historia_Augusta/home.html.

Obras modernas

BADINTER, E. **XY sobre a identidade masculina**. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1993.

BELLER, A. M. **Mary Elizabeth Braddon: a Companion to the Mystery Fiction**. Jefferson, NC: Mcfarland & Company, 2012.

BIRLEY, A. "Britain under Trajan and Hadrian". In: OPPER, Thorsten *ed.* **Hadrian: Art, Politics and Economy**. Londres: The British Museum, 2013, p. 130-8.

BOOTH, H. J. **Same-sex desire, ethics and double-mindedness: The correspondence of Henry Graham Dakyns, Henry Sidgwick and John Addington Symonds**. *Journal of European Studies*, 32, p. 283-301, 2002.

COHEN, J. R. "George Cattermole". In: **Charles Dickens and His Original Illustrators**. Columbus, Ohio: Ohio U. P., 1980, p. 125-134.

COOK, M. **London and the Culture of Homosexuality, 1885-1914**. Cambridge: CUP, 2003.

CORBIN, A. Introdução. In. CORBIN, A; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. (Org.) **História da Virilidade 2**. O triunfo da virilidade. O século XIX. Trad. João B. Kreuch e Noël C. M. Sobrinho. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 2013a, p. 07-12.

CORBIN, A. A virilidade reconsiderada sob o prisma do naturalismo. In. CORBIN, A; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. (Org.) **História da Virilidade 2**. O triunfo da virilidade. O século XIX. Trad. João B. Kreuch e Noël C. M. Sobrinho. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 2013b, p. 15-34.

CORBIN, A; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. (Org.) **História da Virilidade 1**. A invenção da virilidade. Da Antiguidade às Luzes. Trad. Francisco Morás. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

ENGEN, R. K. **Dictionary of Victorian engravers, print publishers, and their works**. Cambridge, Chadwyck-Healey, 1979.

ERIBON, D. **Insult and the Making of the Gay Self**. Lucey, Michael (transl.), Duke University Press, 2004.

FEITOSA, L. M. G. C. O amor entre iguais: o universo masculino na sociedade romana. In: ESTEVES, A. M.; AZEVEDO, K. T.; FROHWEIN, F. (Org.) **Homoerotismo na Antiguidade Clássica**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2014, p. 137-154.

FOSTER, E. H. "Gay Literature: Poetry and Prose". In: PARINI, Jay (ed.). **The Oxford Encyclopedia of American Literature, vol. 1**. Oxford: OUP, 2004, p. 98-106.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade, vol 1: A vontade de saber**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010.

FOUCAULT, M. **A História da Sexualidade, vol. 2: o uso dos prazeres**. 22^a edição. Trad. de Maria Thereza da Costa Albuquerque e de J. A. Guilhon Albuquerque. São Paulo: Graal, 2012.

GRAFTON, A.; MOST, G. W.; SETTIS, S. (ed.). **The Classical Tradition**. Cambridge, Massachusetts: The Belknap Press of Harvard University Press, 2010.

HALPERIN, D. M. **One Hundred years of Homosexuality**. New York: Routledge, 1990.

HINGLEY, R. **Roman Officers and English Gentlemen. The Imperial Origins of Roman Archaeology**. Londres: Routledge, 2000.

HINGLEY, R. **Globalizing Roman Culture – unity, diversity and empire**. Londres: Routledge, 2005.

HINGLEY, R. **Hadrian's Wall: a Life**. Oxford: OUP, 2012.

HOBBS, R.; JACKSON, R. **Roman Britain**. Londres: The British Museum Press, 2010.

JABLONKA, I. A infância ou a 'viagem rumo à virilidade'. In: CORBIN, A; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. (Org.) **História da Virilidade 2**. O triunfo da virilidade. O século XIX. Trad. João B. Kreuch e Noël C. M. Sobrinho. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 2013, p. 37-73.

KATZ, J. N. **Love Stories: sex between men before homosexuality**. Chicago: University of Chicago Press, 2001.

KAYLOR, M. M. **Secreted Desires: The Major Uranians - Hopkins, Pater and Wilde**. Brno, República Tcheca: Masaryk University, 2006.

- LAMBOURNE, L. **The Aesthetic Movement**. Londres: Phaidon Press, 1996.
- MANWELL, E. Gender and Masculinity. In. SKINNEER, M. B. (Org.) **A Companion to Catullus**. Blackwell Publishing, Oxford, 2007, p. 111-128.
- MCKENNA, N. **The Secret Life of Oscar Wilde**. Nova Iorque: Basic Group. *Paperback*, 2006.
- MIKALACHKI, J. **The Legacy of Boadicea: gender and nation in early modern England**. Londres: Routledge, 1998.
- MOSSE, G. L. **Nationalism and Sexuality. Respectability and Abnormal Sexuality in Modern Europe**. Nova Iorque: Howard Fertig, 1985.
- MOSSE, G. L. **The Image of Man: the Creation of Modern Masculinity**. Nova Iorque: OUP, 1996.
- NORTON, R. **Myth of the Modern Homosexual: Queer History and the Search for Cultural Unity**. Londres: Bloomsbury, 2016.
- OLIVEIRA, P. P. **A Construção Social da Masculinidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.
- PINTO, R. **Representações Homoeróticas Masculinas na Cultura Material Romana e as Exposições dos Museus: o Caso da Warren Cup**. *Revista Médis (UCS)*, vol. 10, no. 20, p. 111-32, jul./dez 2011.
- PINTO, R. **Duas Rainhas, um Príncipe e um Eunuco: masculino e feminino nos estudos sobre a Bretanha Romana**. São Paulo: Annablume, 2016.
- REVELL, L. **Ways of Being Roman: discourses of identity in the Roman West**. Oxford: Oxbow Books, 2016.
- REVENIN, R. "Homossexualismo e virilidade". In: CORBIN et al. **História da Virilidade, vol. 2**. Petrópolis: Editora Vozes, 2013, p. 462-502.
- ROBB, G. **Strangers: homosexuality love in the nineteenth century**. Nova Iorque: W.W. Norton Company, 2003.
- ROGAL, S. J. (Org.) **The Rushton M. Dorman, Esq. Library Sale Catalogue (1886): the Study of the Dispersal of a Nineteenth-century American Private Library**, vol. 1. Lewiston, NY: The Edwin Mellen Press, 2002.
- SALWAY, P. **Roman Britain**. Oxford: Oxford University Press, 1984.
- SAMUELS, E. **Bernard Berenson: The Making of a Connoisseur**. Cambridge, Mass.: The Belknap Press, 1979.

SCHULTZ, B. **Henry Sidgwick: Eye of the Universe – An Intellectual Biography**. Cambridge University Press, 2004.

SECRET, M. **Being Bernard Berenson: a Biography**. Londres: Weidenfeld & Nicolson, 1980.

SEDGWICK, E. K. **Between Men: English Literature and Male Homosocial Desire**. Nova Iorque: Columbia University Press, 1985.

SOX, David. **Bachelors of Art: Edward Perry Warren and the Lewes House Brotherhood**. Londres: Fourth State, 1991.

TARAUD, C.. "A virilidade em situação colonial: do final do século XVIII à Grande Guerra". In: CORBIN et al. **História da Virilidade, vol. 2**. Petrópolis: Editora Vozes, 2013, 414-36.

VIGARELLO, G. Introdução. A virilidade, da Antiguidade à Modernidade. In CORBIN, A; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. (Org.) **História da Virilidade – 1**. A invenção da virilidade. Da Antiguidade às Luzes. Trad. Francisco Morás. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013, p. 11-8.

WILLIAMS, C. A. **Roman Homosexuality**. Nova York: OUP, 2010.

WILLIAMS, D. **The Warren Cup**. Londres: The British Museum Press, 2006.

Recebido em: 19/05/2017

Aprovado em: 10/07/2017